



MEMÓRIA DE MULHER

ELTÂNIA ANDRÉ

Ainda que essa lembrança chegue com lacunas, ela desencadeia em mim sensações estranhas: espanto, revolta ou temor. Lembro-me da tia pendurando lençóis no varal de arame farpado, o cheiro do sabão em pó, do anil deixando o suave azul nas peças brancas a quilar. Ela punha capricho naquele trabalho que se repetia na rotina da casa. O terreiro pequeno de chão batido, naquela época, parecia-me imenso, o velho e útil tanque de cimento aguardando os seus dedos com unheiros; algumas ervas cresciam em bacias e carcaças de pneus, o pé de limão numa extremidade e na outra o mamoeiro subnutrido – cenário de paz. Imagino-a (preciso preencher espaços vazios) com um belo sorriso ao avistar-me, foi logo buscar o bambu para levantar o varal e deixá-lo bem esticado para que as roupas limpas recebessem todo o sol de verão. Não sei de onde o tio surgiu, mas estava possuído pela alma ávida do Belzebu. Nem me viu, tão pequenina, colada à parede de chapisco com meu vestidinho amarelo, que quase deixava transparecer a calcinha – roupas nascidas da velha Singer de minha mãe costureira, a quem não faltava estilo.

Antes que a mulher tivesse chance de escapar ou eu de compreender que aquilo que aconteceria seria o divisor de águas na minha vida, ele foi arrastando-a pelos braços, aos tropeços, subiu a pequena escada que dava para a porta da cozinha em feroz agitação. Ele vociferava expressões que eu não entendia, aliás tudo era-me novidade naquela infância. *Você não presta nem para vigiar a sua filha, a desgraçada estava aos beijos com aquele mulato ocre no final do Beco do Bento* – a frase viva ressoa daquele passado. Eu tremia muito, mas fui em direção aos berros e vi quando ele encurralou mãe e filha contra a parede de azulejos encardidos do banheiro, surrindo-as com tapas, socos e ameaças de morte. Furiosa e insubmissa, a filha ensaiava cuspir-lhe na cara, mas, de tão nervosa, a baba descia pelo seu queixo e pescoço. Horrorizada, eu espiava apenas com um olho, tapei o outro assustada com aquele homem. Ressurgiam de outras eras o medo e a revolta. Meu priminho chegou; desesperado, pediu ao pai que parasse com as agressões, e o meu tio prontamente obedeceu ao seu semelhante – mesmo naquela idade de brincar de bilosca e carrinho de rolimã. Fiquei ali feito uma conchinha de gente, encolhi-me o máximo que pude, agasalhando-me como uma ostra dentro da concha. Reconheci o ronco de sua surrada Lambretta e senti que alguém me pegava no colo; sem saber a quem pertencia aquele pescoço, agarrei-me a ele, enquanto ia me acalmando. Os lençóis, novamente sujos, caíram no chão de terra quando a tia tentou escapar das agressões apoiando-se no bambu que sustentava o varal, como se fosse possível fixar-se nele ou livrar-se dos tentáculos opressores da violência.



A minha prima Sandra era um charme com suas sardas de boneca e sua irreverência e não abaixava a cabeça; sentiu-se minimamente vitoriosa segurando um objeto nas mãos trêmulas, enquanto o copo de água com açúcar a aguardava em cima da mesa... *desgraçado, bem feito, arreventou a pulseira do relógio que tanto sonhou. Eu não vou desistir do Tunim, viu mãe?* Com o martelo de amaciar carne, num riso entre lágrimas, estraçalhou o Mondaine comprado a prestações na Joalheria Meia-Pataca.

Meses depois, os quatro voltavam de um churrasco num sítio de amigos. Provavelmente por causa do excesso de álcool do motorista, o Fusca azul capotou na entrada da cidade, e pai e filha morreram na hora. Morávamos no alto do morro num bairro próximo à entrada da cidade e, no final do dia, como era de costume quando a minha mãe terminava de varrer o terreiro com a vassoura de alecrim, parávamos para olhar a estrada que ziguezagueava por entre as colinas, num aclave em forma de ferradura, com o sol raquítico da tarde se despedindo lançando ares de melancolia. Hora estranha em que todas as tardes nossos olhares buscavam os arredores, como se estivéssemos imaginando cenários e sonhando com o porvir. *Mãe, por que o tio Tuíca fez aquilo? Não sei, filha, ele é nervoso e pensa que as mulheres têm o couro duro. Um dos brutos.* Começava a entender que eu era mulher e o que era ser mulher no mundo habitado por homens como o tio. Avistamos a ambulância pressurosa apontando no declive da estrada, a mamãe disse-me que uma corrente de arrepios percorreu todo o seu corpo. Pensei que no fundo uma voz ditava-lhe pressentimentos, afinal tínhamos parentes velhos e doentes, mas a existência traz outras surpresas que – mal supomos – estão a caminho. A Lua ainda não havia tomado o lugar do Sol nos altos do Morro do Miguel, e a realidade já chegava com o seu peso e a sua discórdia: recebemos a notícia de que aquela Kombi branca do hospital estava levando nossos parentes. A esposa e o filho sofreram no corpo lesões leves. Todos ficaram tristes pela tragédia. Porém, não consegui lamentar a morte do tio. Durante meses eu não fechava as portas, habitava-me a estranha sensação dele ainda presente e tive medo de que ganhara o poder de assombrar as mulheres vida afora.